



CORPO DE DELITO

Os nomes

Tratamos furacões, ciclones e outras fúrias da natureza como se fossem um de nós, damos-lhe nomes de pessoas, num antropomorfismo pueril



Rui Patrício

Os furacões e outros fenómenos naturais têm nomes de pessoas – tal como os cães, os gatos e outros animais de estimação –, mas os planetas, as galáxias e as constelações têm nomes de deuses e de outras figuras mitológicas. Chamamos a um planeta Júpiter e a outro Saturno, mas a um furacão chamamos Katrina, Dennis ou Sandy. Porquê? Não deveria ser de outro modo? Vento destruidor de 300 quilómetros por hora ou chuva diluviana não deveriam levar o nome de uma figura grega ou romana poderosa, assustadora ou vingativa, em vez de um nome tão humano quanto Cristina, Bárbara ou Boris? Katrina faz lembrar uma rapariga doce, e não o furacão que destruiu Nova Orleães. Marte – o deus guerreiro, sangrento e cruel – ficaria melhor como nome de uma catástrofe natu-

ral que nos esmaga e reduz à insignificância do que de um planeta avermelhado e sedutor. E Cassiopeia ou Órion – uma arrogante, outro selvagem – ficariam melhor como nomes de um turbilhão de vento do que de conjuntos de estrelas longínquas.

No entanto, não é assim. Tratamos furacões, ciclones e outras fúrias da natureza como se fossem um de nós, damos-lhe nomes de pessoas, num antropomorfismo pueril. Um simpático cidadão de Nova Orleães (se calhar chamado Moore, como a cidade agora destruída por um tornado sem nome) talvez passeasse a sua cadela Katrina quando o furacão com o mesmo nome chegou. E talvez esse cidadão e a sua fiel e dócil Katrina tivessem morrido sob aquela outra Katrina, nada dócil e nada fiel. Todas as fúrias da natureza poderiam levar o nome de Shiva, o deus hindu da destruição e da transformação. E um acontecimento natural ameaçador não deveria levar um nome meigo como El Niño, como acontece com o perigoso fenómeno climático do Pacífico. El Niño, que ironia, que ingenuidade, que contra-senso.

E no entanto fazemo-lo. Porquê? Poderá pensar-se que o fazemos porque afi-

nal reconhecemos razão a alguns existencialistas quando diziam que o inferno são os outros, e daríamos o nome de pessoas a fenómenos naturais que nos trazem o inferno. Mas não penso que seja por isso, embora seja verdade que nos outros e em nós há uma parcela grande de inferno, tão grande quanto a parcela de céu. A razão é outra, parece-me, e é a mesma que leva a que cães, gatos e outros bichos de estimação tenham nomes de pessoas. Fazemos isso por medo, por pequenez, por desamparo. E por ambição de controlo e domínio, um antídoto contra o medo, tão poderoso quanto ilusório. Queremos tornar humano o que o não é. Julgamos que se torna gente tudo o que tem nome de gente. Fazemo-lo para acreditar que dominamos, que conhecemos, que controlamos tudo aquilo a que damos nome humano. Chamar Katrina, Boris, Cristina, Dennis ou Bárbara ao inferno torna esse inferno menos assustador, dá-nos uma ilusão de proximidade, de domínio, de docilidade. Ilusão vã, todavia, pois Katrina não obedece, não senta, não rebola, nem levanta a pata, e Boris não ronronou meigo no colo de ninguém. Os nomes, tal como as aparências, enganam.

Advogado. Escreve ao sábado



Chamar Katrina, Boris, Cristina, Dennis ou Bárbara ao inferno torna esse inferno menos assustador